

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA: QUESTÕES DE BASE; IMPLICAÇÕES NA PÓS- GRADUAÇÃO; ANÁLISE TEMÁTICA*

Neusa Dias de Macedo
Departamento de Biblioteconomia e Documentação
Escola de Comunicações
Universidade de São Paulo
05508 São Paulo, SP

RESUMO

*Crônica acadêmico-profissional com reflexões sobre o espírito de pesquisa e a existência do espírito crítico do bibliotecário brasileiro. Analisa a proveniência dos estudos avançados e pesquisas em Ciência da Informação e Biblioteconomia, sob três aspectos: pós-graduação **stricto sensu**; pós-graduação **lato sensu**; ambiência profissional/setor de trabalho. Reflexões sobre os problemas que têm implicações no bom andamento das pesquisas na área enfocam quatro pontos: formação e embasamento dos bibliotecários, sobrecarga dos docentes-orientadores; comportamento de orientandos; canais de comunicação de pesquisas (congressos/anais, revistas especializadas). O levantamento da temática e interesses de pesquisa, geram três quadros: distribuição de dissertações e teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil e no exterior; por grandes assuntos, com especificação de titulação, no Brasil e no exterior; por grandes e pequenos assuntos. Após a análise e interpretação dos dados, são apresentadas considerações gerais com recomendações objetivas.*

PRELIMINARES

Realizado um mestrado em universidade estrangeira (1965-67) e um doutorado em outra área (1975-80), e já, em 1981, atuando como docente em curso de pós-graduação que estava ainda procurando sua identidade, temos sentido como aluna e professora as agruras da pós-graduação. Desta forma, aguçada está a nossa percepção para os problemas que aí ocorrem, pondo-nos em permanente empatia com aqueles que desenvolvem programas de pós-graduação a nível de mestrado ou doutorado.

Vivenciando também diferentes situações de docência, a nível de graduação e extensão, de caráter administrativo e assessoramento a agências de apoio à pesquisa; ou como membro de bancas de concurso e defesas de tese, e, ainda, como editora de revista especializada, podemos contatar os mais diferentes níveis de amadurecimento intelectual da classe. Na produção técnico-científica, verificamos, também, altos e baixos. Os anais de congresso, porém, demonstram falta de apurado filtro de qualidade, espelhando uma literatura miscelânea.

* Reformulação do trabalho apresentado ao 1º Seminário Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação, realizado em Recife, de 21 a 28 de fevereiro de 1986.

Com intuito de apontar algumas questões de base e registrar fatos que possam auxiliar a compreender a caminhada biblioteconômica brasileira, da qual somos viajante antiga, arriscamo-nos em apresentar esta crônica acadêmico-profissional. A área precisa, também, de memória, e achamo-la tão válida quanto uma pesquisa científica. Nos itens formais deste trabalho e levantamento temático, apelamos para o relato de Suzana Pinheiro Machado Mueller e Nilza Teixeira Soares ao item "Ciência da Informação e Biblioteconomia" incluído em *Avaliações & Perspectivas (A & P)*¹ e para o *Catálogo de Dissertações e Teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia*².

1 – INTRODUÇÃO

1.1 – REFLEXÕES INICIAIS

Pesquisa, em princípio, é um estado de espírito, vindo principalmente de pessoas que são sensíveis à solução de problemas. O "*leit-motiv*" deste trabalho será, de alguma forma, perscrutar a existência, nesta área, desse tipo de sensibilidade para que ela aconteça e se desenvolva.

— Será que somos do tipo de profissional que nos foi incutido o "espírito de pesquisa"?

- O “espírito de pesquisa” é um estado de graça que poucos possuem, ou poderia ser cultivado? Neste caso, quando e onde deveria florescer? Nas escolas, nos ambientes de trabalho, nas entidades de classe?
- Tem havido condições favoráveis no campo da Biblioteconomia para a realização de atividades de pesquisa de modo institucionalizado? Tem havido fomento para a produção científica em termos nacionais?
- A decantada massa crítica existente nas áreas desenvolvidas de conhecimento tem acontecido nesta área? Por que não? Por falta de tradição de pesquisa?
- Como têm decorrido os cursos de pós-graduação ao longo dos anos, desde 1970? Tem concorrido com mudanças de atitudes profissionais, com produção técnico-científica de qualidade?
- Tem havido avaliações, em geral, sobre ensino e formação do bibliotecário, sobre o comportamento da classe, dos eventos? Os nossos Congressos têm sido reuniões científicas, com controles dos resultados? Os anais desses eventos expressam amadurecimento crítico?
- Qual tem sido a temática, os interesses, as tendências de pesquisa na área? De onde provêm, qual tem sido a sua análise e divulgação?
- Tem havido, pelos órgãos competentes, programações sistemáticas que avaliem a produção científica da área? Por sua vez, as fontes bibliográficas de controle de pesquisa têm sido avaliadas em vista de possíveis reformulações? Não tem havido descaso para a normalização das teses?

Muitas dessas questões poderão ser respondidas no decorrer do trabalho, outras deverão acontecer após estudos avaliativos por Comissões de pós-graduação institucionais, que temos ciência de estarem em andamento, e outras ainda terão respostas íntimas por aqueles que, dentro de sua vivência e espírito crítico, acompanham o movimento biblioteconômico brasileiro, e por certo irão debatê-las em momentos oportunos.

Antes de iniciar a análise da proveniência das pesquisas e da sua temática, conviria tentarmos compreender o comportamento crítico dos elementos que formam a área em questão.

1.2 – ESPÍRITO CRÍTICO DO BIBLIOTECÁRIO

A dedicação à pesquisa exige de seu agente, entre outros requisitos, o espírito crítico e inquiridor, a vontade de encontrar novos caminhos, superar defasagens e solucionar problemas no campo em que atua. Desta forma, pessoas de mente não aberta, por demais conservadores, incapazes de enxergar vícios e estratificações, não poderão adentrar-se pelo terreno da pesquisa, com perigo de arranharem-se no

momento de formular hipóteses de trabalho, interpretar dados coletados e propor novas aberturas de investigações e outros pesquisadores.

- No seu comportamento profissional, o bibliotecário brasileiro tem dado mostras de ser um sujeito inquiridor, que desprendidamente faz autocrítica, e não apela para generalizações simplistas?

Recorremos, neste momento, a um excelente estudo feito por Zita Catarina Prates de Oliveira sobre “a imagem do bibliotecário”³. Nesta pesquisa, com dados controlados estatisticamente, vemos confirmadas nossas intenções resultantes de muitos anos de experiência na área.

Foi evidenciado nesse estudo que, por atitudes de autodefesa, os sujeitos pesquisados negam que seu trabalho seja rotineiro, monótono, não criativo (com alguma exceção ao Serviço de Referência) e que os bibliotecários sejam detalhistas e omissos. De outro lado, por atitudes de auto-estima, opinam que são pessoas inovadoras, independentes e desenvoltas, possuídas de espírito liberal e de liderança.

O estudo revela, ainda, que lhes falta consciência de classe e, confirmando a revisão de literatura, que estão cristalizadas, entre os bibliotecários, convicções a respeito da Biblioteconomia, de modo a incapacitá-los a analisar mais criticamente o próprio comportamento.

Não se trata aqui de provocar ironia, mas interpretar à luz de evidências que uma boa parte de bibliotecários pode estar acometida de espírito **acrítico**. O fato de não concordar que existe um estado apático é um índice revelador. O mais grave (se não estivermos erradas) é sentir que parte da população pesquisada possa estar se escudando nas próprias falhas para se autodefender. Com isso, não querendo partir para uma renovação de mentalidade e posicionamentos, diante de certas situações, estará contribuindo para uma imagem inversa do que seja o real serviço bibliotecário. Temos aí, pelo Brasil afora, muitos exemplos de excelência e performance profissional, nos mais variados tipos de biblioteca. Porém, como diz o ditado: “uma andorinha só não faz verão”.

A falta de consciência associativa também é algo que precisa ser detectado por meio de pesquisa a fim de que se alertem não só os associados (e os bibliotecários em potencial) como as associações sobre as causas que distanciam uns dos outros.

Na realidade, não se pode generalizar dados e correr o risco de imputar atitudes que não correspondem a determinados segmentos da área, que há muito já superaram falhas atribuídas à classe. Mas é preciso que sejam registrados todos os tipos de situações para a conscientização da classe.

Falhas existentes no comportamento do bibliotecário originam-se de diversos pontos, principalmente das escolas, a nível de graduação. Por sua vez, queixam-se professores universitários da falta de preparo dos estudantes a nível de 2º grau... Em se falando de responsabilidades, é preciso ficar bem claro que cabe às diversas entidades, dentro dos respectivos papéis institucionais, a formação, atualização e treinamento específico do seu profissional.

Se por exemplo, deve recair às escolas a responsabilidade de instrumentalização ao estudo e à investigação, às outras agências deveriam, também, incidir obrigações, entre outras, de inculcar espírito ético, criativo, crítico e investigativo, enfim, cabe-lhes promover, direta ou indiretamente, programas e ações que venham desenvolver o espírito criador e crítico da classe.

Todos nós temos consciência de que não existe ainda fortemente consolidada, em nossa área, a decantada massa crítica de que outras áreas de conhecimento mais fortes se orgulham de possuir, pelo natural motivo histórico de que as escolas de Biblioteconomia não têm tradição de pesquisa.

Há anos atrás, um historiador e professor de História do Livro (o Dr. José Ferreira Carrato), afirmava que “as escolas de Biblioteconomia mais pareciam Liceus de Artes e Ofícios do que um Departamento Universitário”. De fato, o ensino acontecendo de modo tecnicista e livresco não pode nos deixar um lastro de pesquisa.

2 – PROVENIÊNCIA DE ESTUDOS AVANÇADOS E PESQUISAS NA ÁREA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

Entende-se que qualquer área de conhecimento é formada por segmentos, atuando cada um conforme propósitos e competências que especificamente lhe dizem respeito, mas que unidos, formam um todo. Nesses segmentos, distinguem-se as entidades que irão cuidar do ensino aliado à pesquisa, os organismos de prestação de serviços e as entidades de classe. Se a área for bem desenvolvida, assentada em massa crítica consolidada, ela terá personalidade ética e política marcantes; posicionamento crítico e inovador digno de nota. No caso peculiar da Biblioteconomia e Ciência da Informação, por exercer funções em vários tipos de Instituições e em diferentes áreas de conhecimento, o profissional pode e deve se preocupar com estudos aplicados e pesquisas, vindo a contribuir, duplamente, para identificação de problemas e progresso do conhecimento nos dois polos.

Tentemos agora registrar e comentar os dois veios de proveniência das pesquisas na área; o do ensino: os

curso de pós-graduação e os de graduação; o do meio profissional: as bibliotecas; centros e serviços de documentação e informação; e os organismos de classe.

2.1 – DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

Indubitavelmente, os cursos de pós-graduação devem ser as fontes mais propícias para a geração de pesquisas. A produção da área, ainda por consolidar-se, pode ser caracterizada como literatura técnico-científica, sendo, na verdade, intuitiva e concretizada, na maior parte das vezes, por necessidades de ingresso e/ou ascensão ao magistério superior.

Como requisito para a obtenção do grau de Mestre e de Doutor (e, em algumas universidades, para titulação à livre-docência), o docente deve apresentar dissertação ou tese, seguida de defesa pública. Desta forma, dissertações e teses, assentadas em rigor metodológico, são os produtos mais genuínos de pesquisas apresentados pelos profissionais de informação desta área.

Interessados em geral compõem a população da pós-graduação: docentes ou profissionais e até dilettantes..., devendo seguir a risca os requisitos da mesma.

Seria o momento de perguntarmos:

- Quando foi iniciada essa produção?
- De que instituições provêm?

Pode-se afirmar que as primeiras dissertações vêm do nosso 1º Curso de Mestrado em Ciência da Informação, criado pelo Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1970. Entretanto, é preciso notar que a primeira iniciativa de pós-graduação aconteceu na Universidade de Brasília (UnB), por empenho do saudoso Abner Vicentini, mas, malograda, em virtude de ter sido deflagrada a “Revolução de 64”, exatamente no dia em que os interessados estavam se dirigindo para Brasília. Vicentini – então diretor da Biblioteca Central da UnB – preocupava-se em formar recursos humanos qualificados para dirigir os diversos setores daquela Biblioteca e para colaborar em áreas relacionadas com o respectivo setor – no Curso de Biblioteconomia e Documentação da UnB. Vários elementos, recebendo bolsa da Ford Foundation, participaram dessa programação da UnB, cursando o Mestrado em várias universidades americanas e produzindo dissertações, que não foram encaminhadas ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) para o devido cadastramento. Sendo nós um desses elementos, temos a observar que obtivemos o grau de

Mestre, na Catholic University of America, de Washington, DC, em 1967, com dissertação na área da Bibliografia. Portanto, como exemplo, podemos dizer que muitas dissertações, apresentadas no exterior, devem ter sido geradas em fins de 1960.

Não resta a menor dúvida, que o Curso do IBICT, agora por convênio, sediado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ECO) tenha sido a mola propulsora de geração de pesquisa na área da Ciência da Informação/Biblioteconomia. Pela importância do fato e pelas implicações havidas no desenvolvimento da área, cumpre-nos lembrar o início da ação desse órgão do CNPq.

Desde a sua criação, em 1954, o IBBD prestou relevantes serviços a pesquisadores e profissionais da época. É inesquecível os subsídios prestados aos estudiosos pela recuperação da informação por meio de antigas bibliografias brasileiras especializadas, bem como pelos serviços de informação técnico-científicas, em geral. Para os bibliotecários, foi-lhes vital o aperfeiçoamento vindo dos Cursos de Pesquisas Bibliográficas (1955), depois elevados à categoria de Cursos e incorporados à UFRJ.

Não podemos deixar de registrar, pelo menos, um nome: o de Lydia Queiroz Sambaqui. O IBBD – instituição que renovou a mentalidade de uma geração – teve como cabeça forte essa digna senhora, digna em competência e discreta liderança. Teria feito muito mais, se não fora seu afastamento por motivo político da época. Entretanto, deixou um terreno tão bem preparado, com seguidores altamente qualificados, que fácil foi a implantação de um mestrado, já adiantadamente na área da Ciência da Informação.

Um ponto digno de nota foi a iniciativa da Instituição, a partir de 1973, em convidar especialistas norte-americanos para, como professores-visitantes, ministrarem disciplinas de novo teor, ainda não conhecidos no Brasil. Entre eles, destacam-se Tefko Saracevic (1973-77), Bert Rou Boyce (1974) e Frederick W. Lancaster (1976-79), os quais ensinando e orientando teses, fizeram escola com docentes brasileiros, entre outros, Gilda Braga, Laura Maia de Figueiredo, Maria Martha de Carvalho, Paulo da Terra Caldeira, Anna da Soledade Vieira.

Assim novos conhecimentos e procedimentos metodológicos de bibliometria; construção de tesauros; recuperação, disseminação e transferência da informação; análise de citações etc. foram sendo multiplicados pelos egressos da pós-graduação, que vindos de diversas partes do Brasil estavam voltando às suas instituições de origem, quer como docentes quer como profissionais. Portanto, uma cadeia de

transmissão/reprodução de novas idéias entre os pós-graduados e a comunidade geral bibliotecária estaria se procedendo e causando mudanças de mentalidade.

De 1970 em diante, outras universidades abrigaram cursos de pós-graduação dessa área: 1972, Universidade de São Paulo (na área de Ciências da Comunicação); 1976, Universidade Federal de Minas Gerais; 1977, Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 1978, Universidade de Brasília; 1978, Universidade Federal da Paraíba. Muitas delas, tiveram apoio de professores estrangeiros e todas receberam alunos vindos de várias partes do Brasil, bem como de outras áreas de conhecimento. Em 1980, abriram-se as portas para o doutoramento na área na Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Alguns bibliotecários brasileiros obtiveram graus de mestre e doutor no exterior, principalmente nos Estados Unidos, Inglaterra e França, bem como cursaram mestrado e doutorado em outras áreas, no Brasil. Com isso, podemos imaginar que as pesquisas têm variado em tema, teor e orientação.

Até há algum tempo, por falta de determinação de linhas de pesquisas de carência de orientadores específicos na área de interesse dos pós-graduandos, nem sempre houve orientação efetiva, havendo resultados desastrosos que prejudicaram o produto final das pesquisas: as dissertações e teses. Pesquisas devem ser feitas no sentido de apurar a produção de cada instituição de pós-graduação de nossa área, quanto aos níveis.

Deixando, agora, a pós-graduação *stricto sensu* de lado, é preciso verificar outras fontes de origem das pesquisas nesta nossa área. Reportando-nos à *Avaliação & Perspectivas*, 1978, foi verificado que, dos 270 trabalhos caracterizados como de pesquisa, 61% provinham da pós-graduação, mas 24% advinham de docentes de cursos de graduação e 15% de profissionais.

Existe, também, uma produção vinda do pessoal docente, a nível de graduação, que ainda não cursa a pós-graduação. No entanto, seus escritos podem mesclar-se com os produtos da pós-graduação porque grande parte dos elementos que se inscrevem em programas de mestrado é docente. Esse tipo de dado deveria ser medido nas avaliações sobre pesquisa.

Pela *Avaliação & Perspectivas*, 1982, teve-se conhecimento que cerca de 40 professores já haviam obtido o grau de mestre e outros tantos estariam em fase de estudo. Logo, supõe-se que existam “núcleos potenciais” de estudo e pesquisa, e até “colégios

invisíveis, retransmitindo novas informações aos seus colegas de instituição, ou de áreas de interesse, e aos alunos.

Nova cadeia transmissora de novas idéias e de nova bibliografia deve estar em cena, portanto. Desta feita, provinda dos egressos de outros cursos de pós-graduação, que não os do IBICT/ECO-UFRJ; e da UFMG, UnB, USP, PUC/CAMP e UFPa temos a produção acadêmica de docentes de várias escolas de biblioteconomia do país e de profissionais da área. Não podemos esquecer aqueles que produziram dissertações ou teses em instituições de outras áreas, no Brasil e/ou no exterior.

Tanto docentes, a nível de graduação, como profissionais da área têm contribuído para a literatura especializada por meio das quatro revistas existentes (*Ciência da Informação*; *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*; *Revista de Biblioteconomia de Brasília*; *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*) e de outros veículos de Escolas, Bibliotecas e Associações, bem como através das comunicações feitas nos Congressos. Temos conhecimento de algumas pessoas desenvolvendo pesquisas e análises dessa literatura, e, logo mais, haverá controles sobre essa produção.

2.2 – DA PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Se de um lado as pesquisas são realizadas por força de obtenção de graus acadêmicos e obrigações universitárias nas unidades em que o ensino é aliado à pesquisa; de outro lado, também, por questões de ascendência funcional, docentes e profissionais realizam estudos avançados e/ou didáticos com válida contribuição ao início de uma literatura profissional.

Precisaríamos descobrir quando ela é genuinamente brotada do espírito de pesquisa. De qualquer forma, temos observado, ao longo dos anos, que uma boa parcela de bibliotecários, preocupada com a fraqueza dos cursos de graduação, deseja se aperfeiçoar e se atualizar, procurando avidamente cursos de pequena duração e especialização; outra parcela procura os cursos de mestrado, sem saber bem qual sua finalidade, para uma forma de reciclagem e/ou esperando que o orientador vá ajudá-la a superar problemas de seu trabalho em determinada instituição.

A pós-graduação *lato sensu* tem, de certa forma, levado a um grande público novas idéias e dado conhecimento sobre recentes publicações nos diferentes temas dos cursos em questão.

Pela nossa observação, cursos de pequena duração e certas formas de treinamento e reciclagem que têm acontecido em nossa área, nos últimos três anos, surtiram alguns bons efeitos.

A iniciativa desses cursos de pequena duração foi do IBICT, sendo realizados, primeiramente, no Rio de Janeiro; depois, atingindo alguns Estados. Em consequência, muitas Escolas de Biblioteconomia, seguindo o exemplo, promoveram cursos de especialização em Administração de Bibliotecas, Arquivos e/ou pacotes com temas de maior relevância às necessidades locais.

Pelo menos, em experiência própria, na ECA/USP, os resultados da promoção de cursos de atualização em algumas áreas, com o fim de atingir necessidades do mercado local, trouxeram, alguns efeitos e trocas mútuas:

- a) o Departamento teve de se reavaliar, constatando a necessidade de se agrupar em áreas de estudo e pesquisa e de sedimentar suas linhas de investigação;
- b) professores em geral precisaram se posicionar mais firmemente quanto ao conteúdo das matérias que lecionavam a fim de levar aos cursos. Tanto uma revisão de literatura bem atualizada como pontos-de-vista próprios e frutos de pesquisas em andamento, tendo em vista que uma discussão com profissionais que estavam dominando as questões práticas da área dariam em troca importantes subsídios para as suas pesquisas;
- c) os participantes dos cursos (com exceção daquele pequeno número que deseja apenas um certificado para melhoria funcional), ficaram sensibilizados com as novas idéias transmitidas e ou com a ventilação de pesquisas em andamento, mostrando desejos de ingressar na pós-graduação *stricto sensu* e realizar pesquisas. Entende-se, portanto, que, em ambiência de estudo, discussões de temas novos e aberturas para pesquisas, o “espírito de pesquisa” inerente em determinadas pessoas, tende a florescer;
- d) pelo *feedback* dos participantes, compreendeu-se, também, que se faz necessário elaborar textos didáticos (e por que não Manuais?) e artigos-bases para subsidiarem o acompanhamento desses cursos de reciclagem; com reforço, indubitável, das bibliografias básicas para ulterior prosseguimento de leituras e estudos.

2.3 – DA AMBIÊNCIA PROFISSIONAL/SETOR DE TRABALHO

“Algumas instituições não ligadas ao ensino profissional, mas que atuam na área da informação, quer como função principal ou através de um departamento ou seção” têm provocado desejo de pesquisas em seus profissionais. “No entanto, estes foram trabalhos individuais, dependentes apenas do gênio de seus autores e não decorrentes de uma situação ou ambiente propício, organizado, direcionado propositalmente à produção de um corpo de estudos

para o desenvolvimento da Biblioteconomia e Ciência da Informação.”¹ Conforme o documento *Avaliação & Perspectivas*, 1978, foi reconhecido nessas instituições potencial para o desenvolvimento de pesquisa, mencionando-se algumas em caráter exploratório. Entre as 21 instituições assinaladas, foram mencionadas a Biblioteca Nacional e a EMBRAPA. Poucas foram as instituições que responderam aos questionários, tendo sido detectado o predomínio de iniciativas isoladas em forma de trabalhos apresentados a congressos, relatórios internos e algumas teses de bibliotecários enquanto alunos de mestrado.¹

A realização de pesquisa está ligada, de fato, ao profissional que não é acomodado, que tem desejo de se aperfeiçoar e se realizar pessoalmente. Na verdade, são raras as instituições que incentivam seu pessoal a participar de congressos e de cursos de aperfeiçoamento e, até ao contrário, colocam barreiras aos funcionários que têm tais iniciativas. Na administração das bibliotecas e agências similares não está incorporada, ainda, a importância do treinamento de pessoal em serviço, para sua melhor capacitação. Não está embutida também na mente da maioria dos Chefes de bibliotecas a necessidade de avaliações de serviços e do uso da informação, de estudos de educação do usuário. O motivo pode recair no fato de os bibliotecários, não se sentindo habilitados para tal nível de desempenho, e nem tendo sido incentivado durante sua formação a fazer pesquisa, acomodarem-se.

O descuido da educação contínua é uma questão muito séria, cujas implicações refletem no desenvolvimento de estudos aplicados e exploratórios neste ambiente de prestação de serviços. A respeito deste problema já nos pronunciámos uma vez, na “2ª Jornada Paulista de Biblioteconomia e Documentação, em julho de 1983, dizendo: “Que fique bem claro: a escola sozinha não poderá se responsabilizar pela manutenção da educação permanente. Em primeiro lugar, os próprios indivíduos devem conscientizar-se dessa necessidade e programar os meios de sua atualização, de seu autodesenvolvimento. Depois, as agências de caráter educacional, cultural e associativo devem prover programas de educação contínua aos cidadãos de sua cidade, região ou país.”⁴

Não há ainda política nacional para a educação contínua dos bibliotecários, mas existe farta promoção de cursos de ponta a ponta do Brasil, que demonstra a decorrência de treinamento de recursos humanos na área.

Aos poucos essa reciclagem surtirá efeitos como aqueles assinalados no item anterior e irá mudando atitudes do bibliotecário até chegar ao nível de aguçá-lo o espírito crítico e de pesquisa.

Nesta oportunidade, convém registrar um fato muito importante para se conhecer o lastro das formas de aperfeiçoamento e pesquisa dos nossos profissionais: a ação dos Grupos de Trabalhos associativos.

As Comissões especializadas em documentação e informação das associações bibliotecárias, de fato, foram os primeiros “núcleos potenciais” de aperfeiçoamento espontâneo, grupal, e de geração de produtos bibliográficos: cadastros de bibliotecas, bibliografias, índices etc. Foram trabalhos feitos a custo de sacrifícios, às expensas do Grupo, em forma de voluntariado. Constituíram excelente contribuição para pesquisa, nas diversas áreas de conhecimento das Ciências Biomédicas às Sociais e às Tecnológicas.

De qualquer maneira foi um dos primeiros passos, desde 1963, com o início do Grupo de Bibliotecários Biomédicos, em São Paulo, que impulsionou a liderança de profissionais a desenvolverem as Bibliotecas Médicas brasileiras e, depois, as das outras áreas especializadas, principalmente agrícolas, jurídicas, odontológicas e veterinárias... Desses grupos especializados, surgiu a liderança da classe e os elementos-chave da administração das bibliotecas especializadas. Muitos desses elementos acabaram realizando mestrados e doutorados, indo para o ensino e procedendo pesquisas de excelente nível na área. A tradição de pesquisa na área biomédica, por certo, influenciou os bibliotecários.

Um estudo sociológico extensivo deveria ser levado a cabo sobre o papel dos grupos associativos, com o fim de traçar mais apuradamente a ação e efeitos do movimento profissional das associações de classe brasileiras.

Desses Grupos, além das fontes bibliográficas, mencionam-se as preocupações e os estudos sobre terminologia técnica, tesouros; as listagens de cabeçalhos de assuntos, aperfeiçoamento de técnicas de tratamento da informação; as descrições sobre bibliotecas, os manuais de pesquisa bibliográfica e estrutura do trabalho científico; normalização documentária; código de ética profissional; ensino padronizado de disciplinas (catalogação, classificação etc.).

Portanto, partiu dessas contribuições o início de um caminho de estudos mais avançados para alcançar, após 1970, a pesquisa de ordem acadêmica.

Assim, do ambiente associativo ao contexto institucional onde trabalha o profissional, deve ele, sim, ser incentivado a pesquisar. Concordamos, plenamente, com a professora Nice Figueiredo quando, comentando uma passagem de *Avaliação & Perspectivas*, 1978, em trabalho apresentado ao

Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em 1979, em Curitiba, afirmava:

“Há necessidade do bibliotecário pesquisar, mesmo como uma atividade prática, a fim de resolver problema do dia-a-dia, sendo, muito mais útil e válido do que a simples adoção de modelos estrangeiros que não dizem respeito ao nosso ambiente, nem respondem às nossas reais necessidades”.⁵

Em nossa opinião, os estudos aplicados não só deveriam ser estimulados mas até encomendados, principalmente os diagnósticos e os relatórios de implantação de sistemas de informação. Muitas vezes, o pesquisador precisa parar sua investigação e leituras para realizar um *survey* a fim de obter dados quantitativos e/ou situacionais que apoiem seus estudos. Entretanto, há um círculo vicioso: os profissionais não escrevem e não empreendem pesquisas porque, muitas vezes, faltam-lhes embasamento e treinamento anterior, já vindo dos cursos de graduação.

Embora pareça digressão, é conveniente refletir sobre esse estado de cousas.

3 – PROBLEMAS E OBSTÁCULOS QUE TÊM IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DAS PESQUISAS

a) Formação e embasamento dos bibliotecários

A formação do bibliotecário, em geral, tem sido falha no tocante a melhor habilitá-lo a se expressar oralmente, a elaborar trabalhos de idéias, a se desenvolver nas lides de pesquisa e estudos de campo. Isso trouxe-lhe insegurança e inibições. Convém lembrar que os trabalhos exigidos pela maioria das disciplinas do currículo de Biblioteconomia envolvem mais tarefas operacionais com vista à aquisição de habilidades técnicas, sendo poucos os que objetivam o amplo manejo da língua materna, a logicidade de idéias, a organização de um coerente aparato bibliográfico.

Uma parcela de alunos de pós-graduação *latu sensu* e até de *stricto sensu* tem demonstrado desconhecimento de regras básicas de redação e de formulação de um projeto de pesquisa. Compreende-se que a falta de prática para redigir resenhas, escrever artigos ou trabalhos para congressos tem-lhe causado barreiras no momento de efetivar a dissertação de mestrado. Uma boa parte de pós-graduandos tem chegado a completar satisfatoriamente os créditos de disciplinas, mas sente-se incapaz de produzir a dissertação. Talvez um dos motivos seja o que se acaba de mencionar.

Muitos elementos capazes e interessados em realizar trabalho sério acabam ficando frustrados e, talvez, abatem o “espírito de pesquisa” por falta de embasamento suficiente para desenvolver o trabalho acadêmico. Nem sempre as disciplinas cursadas na pós-graduação surtem o efeito desejado para lhes sanar dificuldades anteriores de base.

A par desses problemas, há que se refletir sobre o momento da produção da dissertação e/ou tese. Não resta menor dúvida que é um período muito difícil, e até traumatizante. Tem havido casos de suicídio nas universidades norte-americanas, tal é a pressão sobre os pós-graduandos. Muitas vezes, até se discute sobre a procedência ou não de se amarrar um indivíduo, longos anos de sua existência, para produzir dissertação de mestrado, tese de doutoramento e, depois, em muitos casos, tese de livre-docência, perecendo uma contribuição importante, para o serviço de extensão à comunidade, nesse espaço de tempo.

A questão mais frustradora para quem realiza uma tese, entretanto, é o fato de ela jazer inerte nas estantes das bibliotecas da instituição onde foi defendida, sem ter passado, na maioria das vezes, pelo devido controle bibliográfico, análise e divulgação. Talvez, ao invés da tese, tivesse sido mais fácil, útil e agradável a produção de vários artigos, ensaios, monografias, manuais, textos didáticos e reflexivos para que chegassem imediatamente às mãos dos carentes dessa literatura. Mas universidade é universidade, regimento é regimento... e pesquisas assentadas em rigor metodológico devem ser feitas para o progresso da ciência e para que o binômio “ensino aliado à pesquisa” aconteça. Na verdade, a massa crítica deve desenvolver-se em ambiência universitária a fim de fluir para outros segmentos da área.

Até o momento auferimos que a pesquisa acontece de modo doloroso, em grande parte dos casos, porque não foi proporcionada, de modo gradativo, aos estudantes, de todos os níveis, a instrumentalização eficiente para o uso e prática da língua mater, elaboração de um trabalho escolar e/ou acadêmico; enfim, para o despertar do “espírito de pesquisa”. Espera-se, agora, que com o novo currículo de Biblioteconomia as cousas possam melhorar...

b) A sobrecarga dos docentes que orientam teses

Focalizando, a seguir, outras situações que podem estar implicando no desenvolvimento de uma produção técnico-científica mais constante e consistente, chamamos atenção à sobrecarga de atividades imputadas aos professores universitários.

Trata-se dos docentes em regime de tempo integral, principalmente os mais titulados, para os quais os

departamentos universitários os levam a dispersar suas pesquisas. Estes docentes, além de ministrar aulas na graduação e assessorar alunos em trabalhos semestrais, participam de inúmeras comissões e bancas de defesas de tese, reuniões de colegiado e outras de vários tipos; apreciam projetos e relatórios departamentais; apresentam trabalhos nos congressos de classe; redigem artigos; ministram e/ou coordenam cursos especiais e de pós-graduação; orientam grande número de estudantes de pós-graduação, no seu estado ou fora dele, até do exterior; deixando para um segundo plano (por falta de tempo) a sua pesquisa.

Os dados das pesquisas muitas vezes tornam-se obsoletos; outras vezes, por ter decorrido muito tempo para reatar as leituras e examinar os dados, o pesquisador perde o fio da meada e até o entusiasmo para levar a cabo a pesquisa. Nem sempre podem contar com um "Serviço de Apoio à Pesquisa" que lhes forneça uma bibliografia, localize documentos e proceda a uma disseminação seletiva da informação, prejudicando o seu desempenho como pesquisador.

Outro problema que envolve grande parte de orientadores de teses, e que dobra seus esforços, é o fato de precisar receber orientandos cujos interesses não se coadunam com suas linhas de pesquisa. Desta forma, há um esforço grande em estar em dia com a bibliografia de outras áreas de pesquisa, em acompanhar com mais preocupação o desenvolvimento do trabalho etc., levando-os a um maior desgaste.

c) Comportamento dos orientandos

Se de um lado pode haver problemas com os orientadores, de outro, nem sempre tudo são rosas a seu favor, por parte dos orientandos. Passam-lhes às mãos vários tipos de pessoas:

- a) aquelas realmente imbuídas de "espírito de pesquisa" que já estão sensibilizadas com um problema, tendo já certa independência na manipulação de instrumentos bibliográficos;
- b) outro tanto, com capacidade de desenvolver pesquisas, mas dispersivas e excessivamente ligadas às atividades profissionais;
- c) as pseudo-interessadas na pós-graduação, que não diferenciam bem as finalidades de um mestrado de uma pós-graduação *latu sensu*, e forçam o ingresso no Curso; felizmente, constituem um grupo menor.

Há orientadores que seguem bem de perto o transcorrer das atividades de seus orientandos, e aprendem com eles; outros há que os deixam ao bel-prazer de seu comportamento. Ao longo dos anos, daqueles que acompanham os pós-graduandos, vê-se, claramente, que há os eternos intervenientes dos problemas familiares, de não conseguirem ser liberados de atividades profissionais, de não poderem

obter bolsas e, por isso, a produção e execução de uma tese torna-se parto doloroso.

Um estudo deveria ser feito com pós-graduando da área a fim de detectar, mais controladamente, os motivos que interferem na decorrência de cursos e, principalmente, no momento da execução do produto final.

A experiência e a observação têm demonstrado que as pessoas realmente interessadas e, em condições intelectuais para cursar a pós-graduação, precisam ser liberadas de suas atividades profissionais e, se possível, serem distanciadas das questões familiares. Não só para evitar a endogenia, mas a situação mais adequada para realizar um programa de mestrado é longe do lugar onde se vive e trabalha.

Desta forma, temos já um lastro de dados e observações sobre o comportamento dos pós-graduandos que, infelizmente, em nossa área, não constituem um grupo que se caracteriza pelo empenho de corpo e alma à pesquisa. A falta de ambiência à pesquisa, a preocupação em participar de todos os mil eventos que surgem na área, o não desligamento das atividades profissionais e outras dispersões, os têm levado a demorar anos e anos para completar o programa da pós-graduação. Com isso, há um retardamento na divulgação do conhecimento que estão produzindo, com prejuízos ao desenvolvimento da pesquisa.

Há que se pensar seriamente quando das reformulações dos nossos cursos de pós-graduação *stricto sensu* sobre os critérios de seleção, prazos dos programas, organização de elencos de disciplinas obrigatórias, filosofia do curso, linhas de pesquisa etc.

O mais importante do que cursar uma imensidade de disciplinas é fazer com que o pós-graduando cumpra atividades programadas que o fará superar certos problemas e firmar sua proposição de pesquisa. Se, durante o curso de graduação, não pôde exercitar-se na redação de trabalhos de idéias e no intenso labor bibliográfico, agora é o momento propício para fazê-lo. Deve preparar resenhas e pequenos artigos para publicar nas revistas profissionais, proferir conferências e palestras à comunidade e até ministrar cursos de pequena duração, com o intuito sempre de colocar para fora as idéias em amadurecimento para que, de alguma forma, possa receber um *feedback* do público receptor.

Se, de fato, o Mestrado é espaço adequado para exercitar ou cultivar pesquisa, deve haver exigências para essa prática, num sentido mais livre. Aqui entrará, mais do que nunca, a percepção e ação do orientador. Se o interessado na pós-graduação não entrou no Curso imbuído do "espírito de pesquisa", deve sair dela possuído desse espírito a fim de influir nos seus

alunos, se for professor; nos seus colegas, se for profissional.

Como deve ter sido bem compreendido, o desenvolvimento da pesquisa em nossa área tem uma série de implicações, controláveis e não controláveis que precisam ser estudadas profundamente. O papel do orientador é importante, havendo necessidade de o mesmo ser liberado de algumas atividades até que exista um maior número de pessoas tituladas para exercer o seu papel.

Outros fatores que merecem atenção, ainda, sendo importante abordá-los nesta crônica, são os veículos de comunicação das pesquisas. São fatores que, por uma série de problemas, têm influído na imagem nem sempre positiva da área.

d) Canais de comunicação das pesquisas

Tanto os organizadores de eventos da classe como os editores de revistas profissionais têm um papel relevante como filtros de qualidade da literatura a ser caracterizada como produção técnico-científica da área, espelhando, por conseguinte, a massa crítica dos seus autores e pesquisadores.

Se os critérios de seleção dos trabalhos não forem firmes, se não for separado o joio do trigo, não teremos espelhado, em nossos veículos de comunicação, uma literatura especializada, tanto profissional como acadêmica, de alta qualidade. Infelizmente, por falta de critérios de seleção de trabalhos e artigos, os anais de congressos são, (mais do que as revistas profissionais) em grande parte, retratos vivos de uma literatura miscelânea com altos e baixos.

Embora possamos estar digredindo, não se poderá discutir temas e preferências de pesquisa na área, sem entrar-se fundo em suas mazelas. É preciso ter coragem para dizer que não obstante ter-se percorrido um espaço cronológico, de mais de 30 anos, de realização de congressos, seminários etc., os eventos da classe não conseguiram, ainda, se constituir em reuniões verdadeiramente científicas. Há sempre as honrosas exceções...

Desde 1954, os nossos congressos têm evoluído, gradativamente, mas não conseguiram, ainda, alcançar a sua principal função de comunicação de conhecimentos novos, de espaço para formação de "colégios invisíveis". As atividades são tantas, com pluralidade de temas debatidos, obsessão pelos cursos, fugidas flagrantes dos congressistas para conhecer os pontos turísticos locais etc., que formam um tumulto mental no participante, fugindo-lhe a essência do evento científico.

Algo tem de ser feito a respeito do papel dos congressos e dos congressistas. É preciso passar

para os estudantes e profissionais o espírito verdadeiro da coisa: trabalhos devem ser enviados de bom nível, frutos de pesquisa e amadurecimento de idéias, e dentro da temática; o congressista tem de debater os trabalhos apresentados (quando tiver perguntas e apreciações procedentes), para que os autores não fiquem sem *feedback*, desapontando-se com a mudez da platéia. Na verdade, quando o trabalho não tem novidade, não foi bem argumentado e/ou não incluiu questões que possam sugerir questionamentos, poderá haver problemas com os debates; mas, na maioria das vezes, o público da área não está preparado para o debate.

Os debates estereis frustram também os interessados em apreender algo novo e polêmico nas sessões que assistem. De outro lado, as recomendações feitas, sempre à pressa, contando com 10% dos congressistas, é um dos pontos que mais melindra os que ficam até o fim. São recomendações, na verdade, que nunca chegam ao destinatário.

Uma advertência deve ser dirigida àqueles que pesquisam: formem "colégios invisíveis", discutam entre si o trabalho que estejam realizando, e não deixem de comunicar prévia e/ou posteriormente suas pesquisas, a fim de que uma real literatura técnico-científica possa engrandecer a área a que pertençam. Um pedido de atenção deve ser dirigido também aos organizadores de congresso: usem critérios rígidos para a seleção de trabalhos, pondo em destaque os trabalhos de pesquisa e as contribuições com assuntos novos e relevantes, dando espaço, outrossim, às comunicações livres, com alguma densidade. Lembrem-se que os Anais serão a prova cabal de sua competência como filtro de qualidade.

Quanto às revistas profissionais, somente um exame minucioso sobre a temática e o nível dos artigos poderia levar-nos a um pronunciamento. Já existe uma dissertação de Cleber França Guimarães, intitulada "*Visibilidade da Literatura Periódica em Biblioteconomia e Ciência da Informação*" (1972-81) e outras pesquisas estão sendo realizadas que trazem e trarão subsídios importantes para este tópico.

Sobre os instrumentos bibliográficos (Catálogos de Teses) que divulgam as pesquisas e constituem importantes elementos para avaliação, serão enfocados nas considerações finais.

4 – TEMÁTICA E INTERESSES DE PESQUISA NA ÁREA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

4.1 – PROCEDIMENTOS

A fim de serem determinados temas de pesquisa da área em epígrafe, procedemos a um levantamento de

dados nos *Catálogos de Dissertações e Teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, publicação do Centro de Informação em Ciência da Informação (CCI) do IBICT². Foram compulsados o volume principal, publicado em 1982, e os 5 suplementos existentes, editados entre 1982 a 1985.

Trata-se de um levantamento das pesquisas acadêmicas cujos produtos se originam de programas de pós-graduação realizados tanto no Brasil como no exterior, em cursos específicos ou em outras áreas, por bibliotecários ou pesquisadores de áreas correlatas. Refere-se a uma produção de pouco mais de 10 anos, realizada entre 1973 a 1985, abarcando um total de 279 teses.

É preciso esclarecer que os trabalhos incluídos naqueles Catálogos são os enviados pelos Cursos de Pós-Graduação e/ou obtidos pelo CCI a fim de constituir o acervo desse Centro. Somente advindas dos pós-graduandos do Curso IBICT-UFRJ/ECO, as teses perfazem o número de 104 até 1987, arrolamento esse que está sendo incluído neste número comemorativo da revista *Ciência da Informação*.

Este levantamento, portanto, restringe-se a material existente no acervo do CCI, crendo-se que poderá expressar o volume substancial da produção brasileira da área em questão. Outros levantamentos da produção técnico-científica no todo poderão ser feitos a partir da *Bibliografia Brasileira de Ciência da Informação*, cujo último acaba de ser lançado; o v. 7, 1984-86, de 1987.

Do nosso levantamento foram gerados três quadros:

- 1 – Distribuição de dissertações e teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil e no exterior.
- 2 – Distribuição de dissertações e teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia, por grandes assuntos, com especificações de titulação, em ordem geográfica.
- 3 – Distribuição de dissertações e teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia, em grandes e pequenos assuntos.

O último quadro irá refletir, na verdade, as incidências de assuntos da produção acadêmica da área.

Submergiu da indexação da fonte bibliográfica citada, ou seja, do Catálogo do IBICT. Estes tiveram como base de indexação o Tesauro gerado do documento "*Percepção Estrutural da Ciência da Informação e Áreas Correlatas*", assim estruturado:

- 01 – Generalidades
- 02 – Ensino, pesquisa e atividade profissional
- 03 – Organização das atividades de informação e de bibliotecas
- 04 – Estudos da literatura e do documento

- 05 – Entrada, tratamento, armazenamento da informação
- 06 – Recuperação e disseminação da informação
- 07 – Transferência e uso da informação
- 08 – Áreas correlatas

5 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Como resultado do levantamento foram elaborados os três quadros nos quais se registram números, especificam-se certas informações e temas das dissertações e teses apresentadas, entre 1973 e 1985, em Ciência da Informação, Biblioteconomia e Áreas Correlatas. Ao interpretar esses dados, por meio de um levantamento de segunda mão, não se poderá alcançar grandes vôos. Nas indexações, por melhor que sejam o referencial classificatório e a competência do indexador, surgem falhas e/ou problemas no enquadramento de determinados trabalhos. Resumos de teses, feitos pelo autor ou não, sem um gabarito a seguir, nem sempre são fiéis imagens do documento.

Quadro 1 — Distribuição de dissertações e teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil e no exterior

Grau acadêmico ou Titulação	% Brasil	% Exterior	% Total Geral
Mestrado em área específica	56,27	5	87,81
Mestrado em outra área	26,54	—	
Doutoramento em área específica	0,35	5	8,96
Doutoramento em outra área	0,71	2,90	
Livre-docência em área específica	1,07	—	1,78
Livre-docência em outra área	0,71	—	
Professor Titular em área específica	1,07	—	1,45
Professor Titular em outra área	0,38	—	
Total Geral	87,10%	12,90%	100% = 279

Esses problemas se agravam quando os dados não são compulsados em primeira mão. Daí, necessitarmos justificar a restrição do levantamento que servirá de base para a análise e interpretação que se apresentará a seguir.

De qualquer maneira, os quadros apresentados serão "instrumentos abertos" para cada interessado no assunto proceder à sua própria leitura de acordo com sua experiência, especialização e perspicácia.

Das 279 teses em foco (Quadro 1), 56,27% são de Mestrado, realizadas, no Brasil, em áreas específicas. É preciso lembrar que o primeiro de Curso de Mestrado se iniciou em 1970, no IBB/UFPA e daí, por

diante, outros cinco cursos proliferam em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Campinas e João Pessoa, sabe-se que há dissertações do Mestrado realizadas no exterior, desde 1966, por notícias e conhecimento próprio. No entanto, somente 12,90% de pesquisadores obtiveram sua titulação no exterior, constituindo já os primeiros passos para evitar a endogenia.

No cômputo geral, recaiu no Mestrado o grau maior das pesquisas nas áreas em questão: 82,81%; no Doutorado: 1,06%, na Livre-docência: 1,78%, no Professor Titular: 1,45%. Isso denota que a massa crítica está em início de formação. A medida que se avolumarem as teses de doutorado e de livre-docência

e, conseqüentemente se firmarem linhas de pesquisa, a produção de trabalhos científicos de alto nível – analíticos e preditivos – propiciará que a massa crítica se fortaleça em termos quantitativos e qualitativos.

O Quadro 2 não possibilita grandes interpretações. Por detrás da frieza dos números residem razões pessoais e de ordem institucional; contingências locais de onde vive o pesquisador; interesses mais altos do mesmo no sentido de escolher uma universidade estrangeira e/ou uma outra área para realizar seu programa de pós-graduação. É mais procedente e econômico, neste caso, tentar discutir os dados, visualizando, concomitantemente, os Quadros 2 e 3.

Quadro 2 — Distribuição de dissertações e teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia, por grandes assuntos com especificações da titulação, em ordem geográfica

Grau acadêmico ou Titulação	% Área específica	% Outras Áreas	% Total Geral
01 - Generalidades			2,15%
Mestrado			
no Brasil	1,07	—	
no Exterior	0,36	—	
Doutoramento		0,36	
no Brasil	—	—	
no Exterior	—	—	
Livre-docência			
no Brasil	—	—	
no Exterior	—	0,36	
TOTAL	1,43	0,72	
02 - Ensino, Pesquisa e Atividade Profissional			12,19%
Mestrado			
no Brasil	7,89	2,87	
no Exterior	0,36	—	
Doutoramento			
no Brasil	—	—	
no Exterior	1,07	—	
TOTAL	9,32	2,87	
03 - Organização das Atividades de Informação e de Bibliotecas			18,28%
Mestrado			
no Brasil	8,24	5,38	
no Exterior	1,07	—	
Doutoramento		0,36	
no Brasil	0,36	0,36	
no Exterior	1,43	—	
Livre-docência	0,72	—	
Professor Titular	0,36	—	
TOTAL	12,18	6,10	
04 - Estudos da Literatura e do Documento			14,34%
Mestrado			
no Brasil	10,65	0,72	
no Exterior	0,72	—	
Doutoramento			
no Brasil	—	—	
no Exterior	1,03	0,36	
Professor Titular	0,50	0,36	
TOTAL	12,90	1,44	

Quadro 2 — Continuação

Grau acadêmico ou Titulação	% Área específica	% Outras Áreas	% Total Geral
05 - Entrada, Tratamento, Armazenamento da Informação			16,13%
Mestrado			
no Brasil	11,47	3,94	
no Exterior	—	—	
Doutoramento			
no Brasil	—	—	
no Exterior	0,36	0,36	
TOTAL	11,83	4,30	
06 - Recuperação e Disseminação da Informação			8,60%
Mestrado			
no Brasil	3,25	3,22	
no Exterior	1,41	—	
Doutoramento			
no Brasil	—	—	
no Exterior	0,36	0,36	
TOTAL	5,02	3,58	
07 - Transferência e Uso da Informação			17,20%
Mestrado			
no Brasil	13,26	1,07	
no Exterior	0,72	—	
Doutoramento			
no Brasil	—	—	
no Exterior	0,72	1,07	
Livre-docência	—	0,36	
TOTAL	14,70	2,50	
08 - Áreas Correlatas			11,11%
Mestrado			
no Brasil	0,36	9,31	
no Exterior	0,36	—	
Doutoramento			
no Brasil	—	0,36	
no Exterior	—	—	
Livre-docência	0,36	—	
Professor Titular	0,36	—	
TOTAL	1,44	9,67	
TOTAL GERAL	68,82	31,18	100% = 279

Quadro 3 - Distribuição de dissertações e teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia, em grandes e pequenos assuntos

Assuntos e descritores	Total Parcial	% Total Geral
01 - Generalidades		2,15%
Biblioteconomia Comparada	1	
Evolução e Interdisciplinaridade da Ciência	2	
Direito Autoral	1	
Biblioteca, Informação e Sociedade	2	
TOTAL	6	
02 - Ensino, Pesquisa e Atividade Profissional		12,19%
Avaliação de Cursos	1	
Curriculo	3	
Estágio	2	
Metodologia de Ensino	1	
Metodologia e Programa de Ensino	11	
Objetivos Educacionais	1	
Programa de Ensino	2	
Planejamento de Biblioteca	1	
Formação Profissional	6	
Atividade de Pesquisa	1	
Formação do Pesquisador	1	
Profissão do Bibliotecário	2	
Profissional da Informação	2	
TOTAL	34	
03 - Organização das Atividades de Informação e de Biblioteca		18,28%
Planos, Programas e Consultorias a Nível Internacional	3	
A Nível Nacional	6	
Análises Econômicas, Custos	4	
Avaliação de Sistemas de Informação	2	
Planejamento de Banco de Dados	1	
Planejamento e Administração	4	
Planejamento de Centros de Análises de Informação	1	
Planejamento de Sistemas de Informação	6	
Automação de Bibliotecas	4	
Planejamento de Bibliotecas Especializadas	1	
Bibliotecas Públicas	5	
Bibliotecas Universitárias	9	
Bibliotecas Infanto-Juvenis	1	
Rede de Bibliotecas	1	
Bibliotecas Escolares	2	
Editoração Científica	1	
TOTAL	51	
04 - Estudos da Literatura e do Documento		14,34%
Comportamento da Literatura (aspectos gerais e teóricos)	12	
Lei de Bradford	2	
Estudos de Citações	4	
Estudos da Literatura (produção, crescimento, dispersão, mapeamento e obsolescência)	7	
Publicações Seriadas	9	
Avaliação de Periódicos	2	
Livro e Cultura	1	
Livros de Arte	1	
Documentos		
Publicados-secundários	1	
Referências Bibliográficas	1	
TOTAL	40	

Quadro 3 — Continuação

Assuntos e descritores	Total Parcial	% Total Geral
05 - Entrada, Tratamento, Armazenamento da Informação		16,13%
Seleção e Aquisição	4	
Descarte	1	
Avaliação de Coleções	6	
Catálogo e Catálogos	5	
Linguagens Documentárias	3	
Sistemas de Classificação	6	
Indexação (aspectos gerais e teóricos)	5	
Thesauri (aspectos gerais e teóricos)	3	
Elaboração Automática de Resumos	1	
Tradução Automática e Semi-automática	3	
Estudos de Frequência de Palavras	1	
Compreensão do Discurso	2	
Estudos Linguísticos-estatísticos	1	
Banco de Dados	1	
Arquivos	2	
Tradução (aspectos teóricos)	1	
TOTAL	45	
06 - Recuperação e Disseminação da Informação		8,60%
Recuperação da Informação (aspectos gerais e teóricos, buscas)	9	
DSI	9	
DSI (avaliação)	2	
Circulação e Empréstimo (comutação)	1	
Serviço de Referência	1	
Disponibilidade e Acessibilidade	2	
TOTAL	24	
07 - Transferência e Uso da Informação		17,20%
Transferência, demanda e necessidade de informação	9	
Usuários	3	
Caracterização de Usuários	2	
Comportamento de Usuários	3	
Educação e Satisfação dos Usuários	4	
Uso da Informação, Biblioteca e Base de Dados	5	
Comunicação na Ciência e Tecnologia (incluindo transferência)	13	
Produção Científica	6	
Hábitos de Leitura	3	
TOTAL	48	
08 - Áreas Correlatas		11,11%
Ciência da Computação e Informática	21	
Arquivologia	4	
Administração	2	
Comunicação	1	
Linguística	1	
Telemática, Telecomunicações, Videotexto	1	
Ciência da Terminologia	1	
TOTAL	31	
TOTAL GERAL	279	100%

O Quadro 3 permite que se faça uma classificação, por ordem numérica das porcentagens obtidas nos 8 grupos de assuntos, não significando que a ordem possa levar a um posicionamento categórico sobre as preferências temáticas. Por detrás dos números haverá, também, razões técnicas, contingências e até modismos, que somente cada curso nos seus relatórios, poderia adiantar as razões das possíveis preferências de temas. A classificação apresentada a seguir constitui um "instrumento aberto" a interpretações.

Classificação porcentual dos resultados:

1 -	Organização das Atividades de Informação e de Bibliotecas	18,28%
2 -	Entrada, Tratamento e Armazenamento da Informação	16,13%
3 -	Transferência e Uso da Informação	17,20%
4 -	Estudos da Literatura e do Documento	14,34%
5 -	Ensino, Pesquisa e Atividade Profissional	12,19%
6 -	Áreas Correlatas	11,11%
7 -	Recuperação e Disseminação da Informação	8,60%
8 -	Generalidades	2,15%

Não houve, de fato, grandes diferenças no volume de temas em cada grupo de assuntos. As porcentagens, um pouco mais um pouco menos, estão recaindo em cada grupo entre 18 a 10%.

Há certos grupos de assuntos que, por uma série de razões, poderiam se agrupar. Os dois primeiros grupos podem perfeitamente se juntar, obtendo-se 34,41% das "preferências" temáticas. Poder-se-ia dizer que os temas abordados no Quadro 3 representam, ainda, a preocupação antiga para as questões de ordem técnica.

Consultando os resumos das teses, porém, pode-se aquilatar a importância dos problemas estudados e das metodologias apuradas que irão diferenciar essas pesquisas daqueles estudos aplicados tradicionais. Se a ênfase da Biblioteconomia brasileira recaiu, durante muitos anos, em questões técnicas: se continuam, ainda, as preocupações aos problemas de organização de atividades de informação e de bibliotecas, e de tratamento da informação; agora, cremos nós, as abordagens de estudo e pesquisa são mais avançadas. A propósito, destacaremos sempre alguns títulos de teses para ilustração:

No caso do Grupo 1, Organização das Atividades de Informação e de Bibliotecas, veja-se a alta preocupação dos pesquisadores em questões de planejamento, análise, controle e avaliação de

biblioteca e sistemas de informação especializados:

- Planning Library and Information Systems (NATIS) for Brazil
- Centros de Análise de Informação
- Étude sur les possibilités d'automatisation de la Bibliothèque Centrale de l'Université Fédérale de Minas Gerais
- O Sistema MEDLINE no Brasil: uma avaliação parcial de seu desempenho
- Custos dos Serviços de Informação para Projetos de Pesquisa
- Análise de Bibliotecas Universitárias: um estudo para o estabelecimento de padrões mínimos
- Metodologia para Implantação de um Banco de Dados em Ciência e Tecnologia

Nessa área, convém notar que fizeram doutoramento no exterior, na área específica, 4 bibliotecários, e 15 dissertações foram produzidas em outras áreas.

No Grupo 2, Entrada, Tratamento e Armazenamento da Informação, a preocupação com questões de tratamento da informação aparece com ênfase em aspectos teóricos de linguagem documentária, indexação e traduções automatizadas, construção de tesauros, bem como de metodologias para avaliação de coleções:

- Projeto CALCO: adaptação do MARC II para implantação de uma central de processamento de catalogação cooperativa
- Estudo comparativo de algumas linguagens de indexação; eficácia e tempo de pesquisa
- Construção de Thesauri: experimento empírico para a coleta de termos em formação profissional
- Análise Comparativa entre Indexação Automática e Manual
- Análise Comparativa da Aquisição e Circulação de Periódicos em Bibliotecas da Universidade de São Paulo

Ligando, agora, mais dois blocos de assuntos, que se pronunciam pelas novas abordagens metodológicas de sua temática (os Grupos 3 e 4), temos uma soma de 31,54% do total das teses. Trata-se dos temas inseridos na Transferência e Uso da Informação e nos Estudos de Literatura e do Documento.

Essa porcentagem representativa pode demonstrar que uma boa parcela de pesquisadores em sintonia com inovações biblioteconômicas do momento e/ou preocupada com o comportamento do usuário e uso da informação:

- Estudo Bibliométrico da Literatura Brasileira de Esquistossomose
- Dynamics of Scientific Communication
- Estudo Comparativo dos métodos usados para medir a obsolescência da literatura científica
- Application of a Entropy Measure for Journal

- Evaluation and its Comparison to other Quantitative Measures
- Modelo de um Sistema de Informação e Indicadores Científicos
- Necessidade de Informação do Geólogo em Minas Gerais
- Disponibilidade e Acessibilidade: avaliação da satisfação da demanda em três bibliotecas universitárias
- Estudos dos Canais Informais de Comunicação Técnica
- A Biblioteca Pública e Remediação de Leitura

Nesses dois grupos, houve cinco teses de doutoramento na área específica e mais de 20% das dissertações em foco recaíram em dissertações na área específica. Lembre-se de que estiveram colaborando nos programas de mestrado vários professores visitantes, trazendo novidades metodológicas e fazendo escola com docentes brasileiros.

O Grupo 5, da classificação temática apresentada, constitui uma área à parte: Ensino, Pesquisa e Atividade Profissional. Os 12,19% alcançados por esse grupo de assuntos são bem representativos. Embora tenha havido certo modismo, entre 1980 a 1981, ou melhor especificando, uma orientação dirigida para produção de dissertações normativas no terreno da metodologia e programa de ensino, no Curso de Mestrado em Ensino da Biblioteconomia, na PUC/Campinas, SP, sabe-se que era e é forte a preocupação de docentes e profissionais para busca de soluções a questões de formação, ensino, currículo, atuação do profissional. De fato, houve três doutorados, no exterior e oito mestrados em outras áreas, no Brasil:

- Modelo e Avaliação das Condições de Funcionamento de Cursos de Pós-graduação
- The Development and Significance of the Core Curriculum in Archives, Library and Information Studies
- Um Estudo da Auto-imagem Profissional do Bibliotecário
- Modelo de Instrução de História do Livro e das Bibliotecas

Quanto ao Grupo 6: Áreas Correlatas, levando em conta a interdisciplinaridade da Biblioteconomia e Ciência da Informação, o campo está aberto para profissionais de outras áreas contribuírem com trabalhos em questões de computação, informática, lingüística, administração, telemática, arquivologia. Houve, também, um significativo número de dissertações de mestrado, no Brasil, nas áreas correlatas (9%). É importante essa contribuição porque traz embasamento, novas perspectivas e abordagens para os pesquisadores da área específica, quando se interessarem por aspectos das áreas correlatas:

- Análise e Crítica de tópicos relevantes na construção e operação de Sistemas de Informação

- Controle de Acesso e Uso das Informações de um Banco de Dados
- Ideologia em Videotexto
- Estudo e Aplicação da Teoria da Informação e da Comunicação e dos Métodos Estatísticos na Análise Lingüística

Para a ínfima "preferência" no campo da Recuperação e Disseminação da Informação, procura-se, ainda, um motivo plausível. Por que somente 8,60% dos pesquisadores se interessaram pelos temas de recuperação da informação, serviços de alerta, atividades de referência? Estariam esses temas diluídos em outros grupos de assunto? Recuperação da informação, estratégias de busca estariam intimamente ligados a questões de base do tratamento da informação? Por que somente um pesquisador realizou tese de doutoramento, e no exterior, para o Serviço de Referência? As razões ficam em aberto para que se discuta mais amplamente a matéria:

- An Investigation into word Conflation Techniques as an Aid to Online Searching
- Investigação sobre Parâmetros de Projeto de Sistemas de Recuperação da Informação: abordagem teórica a aplicação prática em um ambiente universitário
- Estudo Comparativo de Julgamentos de Relevância do Usuário e Não-Usuário de Serviços de Disseminação Seletiva da Informação
- O Programa COMUT e a Dinamização das Bibliotecas Brasileiras
- A Conceptual Methodology for Error Prevention in Reference Work

Foi significativa a "preferência" pelos estudos sobre o DSI, tanto do ponto de vista teórico como de avaliação desse aspecto da disseminação da informação.

Finalmente, focaliza-se o Grupo 8, Generalidades, com 2,15% do total das teses existentes no CCI/IBICT, entre 1973 a 1985. Nesse grupo, enquadram-se outros aspectos da informação e da biblioteca, bem como estudos interdisciplinares. O baixo escore alcançado para esse item, pode, entre outros motivos, significar que só assuntos prioritários poderiam estar preocupando os pesquisadores da área.

- Comparative Librarianship: theory and practice.
- Biblioteca e Sociedade na Primeira República Brasileira: fatores sócio-culturais que atuaram na criação e instalação de bibliotecas de 1890 a 1980.
- Biblioteca e a Interação Televisão-Leitura

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já estamos quase alcançando duas décadas de implantação da pós-graduação na área da Ciência da Informação e Biblioteconomia e, conseqüentemente, da geração de muitas dissertações e teses, sendo preciso avaliar criticamente o desempenho de uma e a

temática e nível das outras, para uma tomada de consciência.

Dificuldades de vária sorte envolvem alunos, docentes e profissionais quando desenvolvem trabalho semestrais, estudos aplicados e/ou pesquisas acadêmicas. Situações diversas foram assinaladas neste trabalho com o intuito de evidenciar que não tem sido fácil cumprir atividades de um programa de mestrado ou doutorado, mormente quando a área está se solidificando e as condições de trabalho e pesquisa bibliográfica não são favoráveis.

Administradores e elementos do poder decisório dos negócios da pós-graduação precisam considerar com complacência aquelas dificuldades, instando providências para a solução gradativa das mesmas. Quando esses problemas são analisados no seu cerne, vê-se que, direta ou indiretamente, eles acabam por prejudicar o andamento das atividades requeridas pelos programas de pós-graduação e, mais ainda, o seu produto final: a dissertação ou tese. Portanto, esse assunto é sério.

A infra-estrutura da pós-graduação deve se aperfeiçoar cada vez mais para facilitar a implantação de um Plano Nacional de Pós-graduação na área. Um dos itens a ser lembrado, no momento, é o referente ao controle bibliográfico e à informação da área.

Além dos folhetos divulgativos, relatórios e catálogos de teses contendo informações as mais completas possíveis deveriam ser objeto de atenção dos Coordenadores de programas de pós-graduação.

Catálogos de teses, publicados regularmente, devem ser tipos de instrumentos bibliográficos de solicitação obrigatória pelos órgãos de fomento de pesquisa aos coordenadores dos cursos de pós-graduação. Sem esses instrumentos, organizados apuradamente, é difícil proceder-se à análise da produção técnico-científica.

Ligados à questão de controle bibliográfico das teses, é preciso ser levado a efeito estudo sobre normalização das próprias teses e de seus catálogos. As teses devem incluir referências bibliográficas completas, com resumos e palavras-chaves, bem como notas adicionais para facilitar a organização de índices. Quanto aos catálogos, deve-se programar melhor sua estrutura e indexação. Somente com referências bibliográficas e notas adequadas, pode-se prover índices que forneçam múltiplas informações.

Além de índices comuns de autor, colaborador e temático, serão de grande valia aos usuários e avaliadores os índices que proporcionarem informações **sobre** ou **de**:

- formação e área em que o autor apresenta a tese

(ex.: bibliotecário/área de Educação; engenheiro/área de Informática);

- grau acadêmico ou titulação (mestre; doutor; livre-docente; professor titular);
- proveniência institucional (nome da universidade e/ou instituição onde foi defendida a tese);
- proveniência geográfica (país/cidade de origem dessa instituição; no Brasil e exterior);
- proveniência temporal (ano de apresentação da tese).

Em havendo esse espírito de normalização, os Cursos estariam colaborando para o melhor controle bibliográfico e facilitando o trabalho daqueles órgãos responsáveis pela divulgação da informação. Se cada Curso já produzisse seu Catálogo, dentro de moldes preestabelecidos por uma Comissão, a computadorização do Catálogo Geral seria facilitada. A observância rigorosa do envio do material e respectivas listagens suplementares ao órgão depositário seria um compromisso também a ser assumido para a eficácia da divulgação.

O desejado Plano Nacional de Pós-graduação, a ser discutido no Encontro de Coordenadores de Cursos de Pós-Graduação, em futuro próximo, na Escola de Comunicações e Artes da USP, por certo, poderia ter valiosos subsídios se pudesse contar com esses instrumentos bibliográficos.

Por último, é preciso considerar que se deseja, para futuro bem próximo, a casa da pós-graduação da área bem arrumada, em termos de estrutura didático-administrativa, linhas de pesquisa bem definidas, critérios bem firmes de seleção de candidatos, de atividades de pesquisa e de controle bibliográfico. Só assim, o pretendido "espírito de pesquisa" terá ambiência para florescer, se desenvolver e proliferar, e solidificar a massa crítica.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se a Waldomiro Castro Santos Vergueiro pela colaboração no levantamento de temas e elaboração das respectivas tabelas.

Artigo recebido em 27 de novembro de 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AVALIAÇÃO & PERSPECTIVAS; Brasília, SEPLAN-CNPq, 1978 e 1982.
- 2 CATÁLOGO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA. Brasília, IBICT/CCI, 1982. Suplementos 1 a 5, 1982 a 1985.
- 3 OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. *O bibliotecário e sua auto-imagem*. São Paulo, Pioneira; Brasília, INL, 1983.
- 4 MACEDO, Neusa Dias de. Reflexões sobre educação contínua para o bibliotecário. *Revista Brasileira de*

Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, 18
(1/2):52-61, jan./jun. 1985.

- 5 FIGUEIREDO, Nice. Pesquisa em Biblioteconomia. In:
CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E
DOCUMENTAÇÃO, 10., Curitiba, 1979. *Anais...* Curitiba,
1979. v.3, p.964-79.

**Research on Information Science and Librarianship:
basic questions; implications on postgraduate
studies; subject analysis.**

ABSTRACT

Reflexions about the research spirit and the existence
of a critical mind of Brazilian librarians. It analyzes the

origin of advanced studies and researches on
Information Science and Librarianship over three
aspects: postgraduation 'stricto-sensu', postgraduation
'lato-sensu'; professional environment/work setor.
Reflexions about the problems in the research works
focus four points: overload of lectures/guides; behavior
of M.S. students, research communication channels
(congress/annals, specialized journals). The rise of
thematic and research interest conduct three tables:
distribution of dissertations and thesis on Information
Science in Brazil and abroad; by broad subjects, with
titulations in Brazil and abroad; by broad and small
subjects. The analysis and data interpretation conduct
general considerations and recommendations.